

O DIÁLOGO INTERCULTURAL ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA AMÉRICA LATINA¹

Marcia Paraquett²

Este texto é o resultado de uma importante experiência, vivida durante a realização de um curso com professores de português, que vivem na Argentina, onde havia brasileiros, argentinos e pessoas oriundas de outros países latino-americanos. Aquela experiência ajudou-me a rever a forma como entendo a relação dialógica intercultural entre o Brasil e os países da América Espanhola, em especial a Argentina, na medida em que os debates revelaram uma significativa diferença no ponto de vista dos participantes, onde me incluo. Esse fato me levou a repensar posições que, a princípio, me pareciam cômodas, e que são relativas, sobretudo, ao preconceito que há (há?) nas relações interculturais entre países latino-americanos.

Minha proposta, naquela ocasião, era a de definir o que se entende por interculturalismo, associando essa discussão ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e ao confronto cultural entre o português e o espanhol da América Latina. Como professora de espanhol no Brasil, vivo a questão da aprendizagem de línguas estrangeiras na contramão daqueles professores que participaram do curso, pois na minha prática docente e na pesquisa que desenvolvo na área de formação de professores de espanhol como língua estrangeira (ELE) discuto uma questão que, no meu ponto de vista, é fundamental: a aprendizagem da língua espanhola no Brasil significa um importante passo para a integração continental, já que somos um dos poucos povos latino-americanos a não falar espanhol, mas contribuímos significativamente quando pensamos no grande número de habitantes de nosso país. Meu olhar, portanto, está na contramão da proposta do curso, planejado para professores que pensam o português a partir da Argentina, enquanto eu penso o espanhol, a partir do Brasil. Esse entrecruzamento de lugares de onde se fala foi responsável, certamente, pelo grande debate que aconteceu durante as aulas e que colaborou para o texto que agora produzo.

Durante o curso, foram utilizados textos de diferentes linguagens e diferentes gêneros, com o propósito de observar como os latino-americanos são/somos representados, e se essa representação está de acordo com a concepção que temos deles e de nós mesmos. Paralelamente, foram discutidos os pontos de vista teóricos de diversos autores, de forma a se associar teoria à prática de sala de aula, mas sem se perder de vista os seguintes objetivos: entender o que são identidades latino-americanas; observar de que

¹ Dados da publicação: PARAQUETT, M. O diálogo intercultural entre o português e o espanhol na América Latina. In: MENDES, E. (Org.), *Diálogos interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira*. São Paulo: Pontes, 2011, p. 49-70. ISBN 978-85-7113-362-4.

² Márcia Paraquett foi docente na Universidade Federal Fluminense (1977-2007) e atualmente está na Universidade Federal da Bahia (2009). Tem licenciatura em Letras (UFF, 1970), Mestrado em Letras (UFF, 1977), Doutorado em Letras (USP, 1997) e Pós-doutorado em Linguística Aplicada (UNICAMP, 2002). É autora de três livros, organizadora de dois, além de ter publicado artigos em revistas e capítulos em livros de sua área de interesse científico.

maneira os latino-americanos costumam ser representados em textos que circulam, sobretudo, na mídia impressa; associar essa discussão ao ensino/aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE); e provocar reflexões sobre o diálogo entre Brasil, Argentina e demais países de nosso continente.

Este artigo será dividido em duas partes: na primeira, apresento os textos utilizados durante o curso, associando teoria e prática de sala de aula; e na segunda, me dedico a entender de que maneira uma parcela da mídia brasileira representa alguns países latino-americanos de língua espanhola, em especial a Argentina, de forma a observar se as visões são redutoras ou, até mesmo, preconceituosas.

1. Associando teoria e prática: os textos utilizados durante o curso

Como a proposta principal era pensar no diálogo entre o português e o espanhol na América Latina, as discussões foram abertas com a canção *O samba e o tango*, escrito por Amado Régis em 1937, e cuja interpretação mais importante talvez tenha sido a de Carmen Miranda. Apesar de ter nascido em Portugal, cresceu no Rio de Janeiro e ficou conhecida como “a pequena notável”, graças a seu talento para dançar e cantar. Exerceu um importante papel no contexto histórico liderado por Getúlio Vargas, que a tinha como sua cantora favorita. Sua viagem para os Estados Unidos significou para aquele presidente uma possibilidade de que a artista levasse consigo a imagem do “Brasil novo”. Mais do que isso, Carmen se transformou na “embaixadora da Boa-vizinhança”, como ficou conhecida.

Estávamos em 1940 e seu grande sucesso permitiu que se associasse o Brasil à América Latina, confundindo-se, no sentido literal e metafórico desta palavra, as nossas diferenças. Há que se lembrar que naquele momento, o samba era tido como ritmo da periferia, próprio das comunidades dos morros cariocas, hoje malditamente denominados ‘favelas’. De cantora, Carmen virou uma famosa atriz de cinema, representando nossas culturas, com gestos e roupas exageradas, nos famosos musicais de Hollywood, chegando a ser a artista mais bem paga naquele tempo. Carmen transformou-se em imagem viva da política da Boa Vizinhança, ao lado dos desenhos de Walt Disney, feitos para agradar a América Latina.

Ainda dentro da política da Boa Vizinhança, um poeta argentino, Rodolfo Aníbal Sciammarella (1902 - 1973), compôs a *Marcha Panamericana* ou *Himno de las Américas* ou, ainda, *Himno del Panamericanismo*³. Eu mesma o cantei nas minhas aulas de espanhol, durante minha formação na Universidade Federal Fluminense, em pleno processo da ditadura brasileira. Vejamos seus versos:

Un canto de amistad
De buena vecindad
Unidos nos tendrán eternamente

³ Veja em <http://www.youtube.com/watch?v=29gmaTrIS2Y>

Por nuestra libertad
Por nuestra lealtad
Debemos de vivir gloriosamente
Un símbolo de paz
Alumbrará el vivir
De todo el continente americano
Fuerza de optimismo
Fuerza de hermandad
Será este canto de buena vecindad
Argentina, Brasil y Bolivia
Colombia, Chile y Ecuador
Uruguay, Venezuela y Honduras
Guatemala y El Salvador
Costa Rica, Haití, Nicaragua
Cuba y Paraguay
Norteamérica, México y Perú
Santo Domingo y Panamá
Son hermanos soberanos de la libertad
Son hermanos soberanos de la libertad

Note-se o cuidado na seleção das palavras neste canto ‘panamericano’, que não é ‘latino-americano’ e nem ‘ibero-americano’. Esta última expressão é a que está na moda no momento, devido às políticas linguísticas por parte da Espanha na América Latina, seja para tentar manter o controle sobre as variantes hispano-americanas, seja para ganhar a concorrência no MEC do Brasil pela venda de sua língua e seus livros didáticos.

Mas voltemos ao que dizia antes. Na primeira metade do século XX, havia tentativas de interações entre o Brasil e a América Latina na produção poética, conforme se vê em *O Samba e o Tango*, embora com expressivas interferências do poder político estabelecido. É curioso que esta mesma canção tenha recebido uma nova e retumbante interpretação em 1996, quando Caetano Veloso a grava no seu célebre disco *Fina Estampa*. O diálogo entre o Brasil e a Argentina, através do samba e do tango, se recupera, apesar de não passar de gotinhas de água no universo de desconhecimento e de preconceito, diria eu, que marca nossa relação até hoje. E como a Bahia é forte culturalmente falando, Caetano empresta para a versão de 1996 seu sotaque baiano, valendo-se de uma interessante interlíngua a que tenho chamado, carinhosamente, de ‘baiano!’, ou seja, o espanhol com sotaque da Bahia.

Além da gravação de Caetano, em cuja linguagem musical houve o predomínio do ritmo brasileiro (samba), há uma versão cantada por Paula Morelembaum⁴, em 2009, onde predomina o ritmo argentino (tango), o que me leva a pensar que há, por sorte, uma produção cultural, no Brasil, que fala com sotaque argentino.

Isso me leva a refletir que a partir dos anos 90 nossos textos voltaram a falar da América Latina, contribuindo para o diálogo entre nossas línguas e culturas, apesar de ainda ser muito pequena essa relação intercultural. Mas me cabe, como professora,

⁴ Veja-se em http://www.youtube.com/watch?v=2uvAS_G9Zsk

permitir que meus alunos participem desse processo através de propostas didáticas, conforme se fez com a canção *O Samba e o Tango* ou com *Soy loco por ti América*⁵, de José Carlos Capinam e Gilberto Gil, produzida em 1967 e gravada, originalmente, por Caetano Veloso em 1968. Durante o curso, tivemos a oportunidade de conversar sobre os acontecimentos de 1968, momento no qual o Brasil já vivia os anos mais duros da ditadura militar, ao mesmo tempo em que o mundo inventava movimentos de libertação sexual e de gênero, sobretudo relativo às mulheres⁶.

Em 1996, Caetano regrava a canção, agora em novo contexto, abandonando a ideologia musical determinada pelo *Tropicalismo*⁷, para cantá-la com um arranjo feito pelo maestro Jacques Morelembaum, bastante mais sofisticado.

Mas é em 2005 que este poema-canção recebeu uma versão muito instigante. Refiro-me à gravação feita por Ivete Sangalo, a conhecida cantora brasileira, associada, sobretudo, ao carnaval da Bahia⁸. Aquela versão serviu de tema para a abertura da telenovela da TV Globo, *América*, de Glória Perez, cuja trama contava a história de uma imigrante brasileira aos Estados Unidos. Não fica difícil imaginar que a América Latina, tema da versão original, transmutou-se para América do Norte, bem ao gosto do novo contexto brasileiro. Afinal, toda ideologia do Tropicalismo havia ficado para trás.

A partir da leitura dos dois poemas-canção, discutimos a proposta de Pizarro (2004, p.28) sobre a ‘modernidade tardia’ da América Latina, pois foi nos anos sessenta, que começamos a nos movimentar em âmbitos internacionais, ainda que periféricamente. Naquele momento, nossa produção cultural (sobretudo a música e a literatura) ultrapassou nossas fronteiras, indo para a Europa e os Estados Unidos, movimento que foi violentamente interrompido pelos golpes que geraram as longas ditaduras militares em diferentes países de nossa América.

A partir das canções, também foi possível discutir a proposta da referida autora sobre a América Latina. Pizarro entende que estamos distribuídos em sete áreas culturais, a saber: **Mesoamericana e Andina; Caribe e Costa Atlântica; Sul Atlântica; Brasil; Páramo mexicano, Sertão brasileiro, Savana venezuelana, Pampa argentina; ‘Latinos’ nos Estados Unidos; A Amazônia.** Esta proposta, portanto, ultrapassa critérios meramente lingüísticos ou geopolíticos, permitindo discussões sobre as fronteiras ou as não-fronteiras que nos organizam na América Latina, espaço cultural de todos os envolvidos naquele curso.

⁵ Para ouvir a interpretação de Caetano Veloso, acesse: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/76612/>

⁶ Sobre esse tema, falo mais detalhadamente em outro texto: *Soy loco por ti, América: a mesma canção e duas interpretações para o diálogo entre o Brasil e a América Latina*. Anais do JALLA Brasil 2010. América Latina: Integração e Interlocução, Tomo II, Niterói: UFF, p.285-439, disponível em: http://www.propipi.uff.br/jalla/sites/default/files/Anais_JALLAII_tomoII.pdf

⁷ Movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular e da cultura brasileira entre 1967 e 1968, e cujos participantes formaram um grande coletivo, com destaque para Gilberto Gil, Caetano Veloso, José Carlos Capinam, Gal Costa, Tom Zé, Torquato Neto, os Mutantes e muitos outros.

⁸ Para ouvir a gravação, acesse: <http://letras.terra.com.br/ivete-sangalo/127055/>

O texto de Amado Régis nos ajudou a vivenciar o tema da fronteira, portanto do interculturalismo entre a língua-cultura do aprendiz e a língua estrangeira que está aprendendo, seja ele brasileiro ou argentino; enquanto o poema-canção de Capinam e Gil nos remeteu a um contexto sociopolítico, no qual se ensaiavam discursos de integração entre o Brasil e os demais países da América Latina.

Criou-se, assim, a oportunidade de se estabelecer diálogos interculturais entre as sete áreas que nos constituem, ajudando-nos a conhecer nossas identidades latino-americanas. Foi o caso, por exemplo, da área ‘Mesoamericana e Andina’, ocasião na qual se conversou sobre a produção cultural de tradição indígena que produzimos na América Latina. Falamos das pinturas de Quayasamín (Equador, 1919-1999), de Diego Rivera (México, 1886-1957) e Frida Kahlo (México, 1907-1954), estabelecendo paralelos entre nossas histórias de colonização.

Para discutir a produção cultural da área ‘Caribe e Costa Atlântica’, comparamos a poesia de Gregório de Matos (Brasil/Bahia, 1636-1695) com a de Nicolás Guillén (Cuba, 1902-1989), aprendendo um pouco sobre a presença da cultura afrodescendente em nossa América. Foi, portanto, um momento de trocarmos conhecimentos sobre nossa constituição identitária, no que se refere às conseqüências do processo de escravidão.

A área ‘Sul Atlântica’ nos levou a pensar, interculturalmente, no tango argentino e no samba paulista de Adoniran Barbosa, na medida em que ambos falam a partir do imigrante italiano em terras americanas. Dessa forma, incorporávamos mais um elemento de nossa múltipla identidade latino-americana, conseqüência da presença de imigrantes europeus aqui chegados a partir do século XVIII.

Mais rica, no entanto, foi a discussão relativa à complexa área cultural classificada por Pizarro como ‘Páramo mexicano, Sertão brasileiro, Savana venezuelana, Pampa argentina’, regiões de cultura popular, frequentemente de tradição oral. Neste momento, falamos da literatura de cordel brasileira, comparando-a à produção poético-musical de Simón Díaz (Venezuela / 1928), cuja canção *Tonada de la luna llena* foi gravada por Caetano Veloso, em 1996, no seu já citado disco, *Fina Estampa*. Essa canção mantém viva a tradição ibérica na Venezuela, assim como acontece na literatura de cordel brasileira, ou mesmo no cancionero popular, conforme é o caso de Elomar Figueira Mello (Bahia/Brasil – 1937); Renato Teixeira (S.Paulo/Brasil – 1945) e Atahualpa Yupanqui (Pergamino/Argentina / 1908-1992), autores que falam do homem do campo, da sua solidão e de suas tradições.

Os ‘Latinos nos Estados Unidos’ provocou uma discussão de suma importância, pois procuramos responder a perguntas do tipo: Quem são os ‘latinos’ nos Estados Unidos? Por que são assim denominados? São ‘latinos’ os filhos dos imigrantes? Perguntas que, certamente, sugerem respostas complexas, e que nos levam a pensar nesse novo espaço cultural latino-americano, conformando-se uma nova faceta identitária e muito própria à nossa contemporaneidade.

Sobre a área ‘Amazônia’ quase não se discutiu e a explicação está no fato de haver poucas pesquisas que nos levem a entender esta região para além das questões ecológicas e econômicas. E também porque, pelo menos no Brasil, é comum que se pense na Amazônia como uma área brasileira, quando na verdade ela está distribuída entre muitos países. Segundo Pizarro,

es un reservatorio cultural, (...) tiene una población de veinte millones de habitantes y pertenece a ocho países. (...) La historia de la región es una de las menos difundidas y de las más enraizadas en los primeros escarceos identitarios del continente. Paradójicamente, de acuerdo a los analistas, ella misma necesita incorporar los elementos de su auto-identificación. (2004, p.184-5)⁹.

Como sugestão de discursos culturais que nos ajudem a conhecê-la, poderíamos recorrer ao documentário *The Sandpit* ou *O Areal*¹⁰ (2008), de Sebastián Sepúlveda, cineasta chileno que empresta seu olhar ‘estrangeiro’ para que se entendam as tradições culturais afrodescendentes de uma comunidade da Amazônia brasileira. Este documentário nos ajuda a perceber o cruzamento das diferentes áreas, na medida em que, a tradição negra está misturada à indígena, ambas de tradição oral. Na verdade essa não-fronteira não é particularidade desta área específica, mas sim de todas, levando-nos a pensar, sempre, na multiplicidade e na complexidade das identidades que nos constituem.

A área cultural ‘Brasil’ não foi privilegiada no curso por fugir da proposta original que era a de observar o diálogo intercultural entre o português e o espanhol na América Latina. E, neste caso, só se falaria do português.

Quando encerramos essa longa e rica discussão sobre as relações interculturais nas sete áreas culturais da América Latina, foi necessário definir-se o que se estava entendendo por ‘cultura’, ‘interculturalismo’ e, conseqüentemente, ‘identidade cultural’, o que foi feito a partir da proposta de García Martínez e outros (et alii) (2007, p.37). Para os autores,

La identidad cultural se refiere al grado en que una persona se siente conectada, parte de un grupo cultural, al propio grupo de referencia en el que ha crecido: incluye una compleja combinación de factores, tales como autoidentificación, sentido de pertenencia o exclusión, deseo de participar en actividades de grupo. (p. 37)¹¹

⁹ É um reservatório cultural, (...) tem uma população de vinte milhões de habitantes e pertence a oito países. A história da região é uma das menos difundidas e das mais enraizadas nos primeiros escarcéus identitários do continente. Paradoxalmente, de acordo com os analistas, ela própria precisa incorporar os elementos de sua auto-identificação. (tradução minha)

¹⁰ O documentário recebeu o prêmio especial de júri no Festival Internacional de Documentários de Santiago do Chile (FIDOCs) de 2008.

¹¹ A identidade cultural se refere ao grau em que uma pessoa se sente conectada, parte de um grupo cultural, ao próprio grupo de referência no qual cresceu: inclui uma complexa combinação de fatores, tais como auto-identificação, sentido de pertencimento ou exclusão, desejo de participar em atividades de grupo. (tradução minha)

Verifica-se, com base na citação, que as discussões foram culminadas por uma reflexão sobre nossas identidades como latino-americanos. Os autores falam de *sentir-se conectado*, de *sentir-se parte de um grupo cultural*. O verbo aqui utilizado, *sentir*, é a chave para nossa compreensão de que somos o que, de fato, aceitamos ser. E essa é a discussão que devemos ter os professores de PLE ou ELE. Mas antes de falar aos nossos alunos, precisamos falar a nós mesmos. E, mais anterior de tudo, é necessário que saibamos do que estamos falando quando nos referimos à ‘identidade latino-americana’ e, então, vale perguntar: Somos latino-americanos? É assim que nos sentimos? Esta é a identidade com a qual nos conectamos?

No início deste texto, chamava a atenção para os objetivos que nortearam o curso e, entre eles, a necessidade de se falar na nossa representação, seja a que temos de nós mesmos, seja a que outros fazem de nós. Por isso, foi necessário sair de um espaço, aparentemente cômodo, para nos ver através do que dizem de nós. Ou seja, compreender a representação que, grosso modo, se faz dos latino-americanos. E, com isso, passo à segunda parte do texto, quando explico de que forma essa discussão aconteceu durante o curso.

2. Representações identitárias dos latino-americanos: a forma como vemos e somos vistos

Faz tempo venho desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre formação de professores e materiais didáticos para o ensino de ELE que envolve, entre outros aspectos, a coleta de notícias e charges, publicadas na mídia brasileira, e referentes a países hispano-americanos ou à Espanha. Os resultados parciais foram apresentados em diferentes congressos, levando à publicação em Anais ou equivalentes.

De um modo geral, os textos coletados foram trabalhados em sala de aula, quando pude perceber a leitura que deles faziam os meus alunos. Minha proposta é/foi levá-los a perceber que muitos dos textos coletados representam a cultura dos países hispânicos de maneira simplista ou preconceituosa. É bem verdade que minha pesquisa nunca foi quantitativa, permitindo-me priorizar aquelas publicações que me ajudam a confirmar esse equívoco. Essa experiência tem possibilitado interessantes reflexões sobre o papel da mídia e a representação que se faz dos povos hispânicos, assim como a que eles possam fazer de nós, e nós de nós mesmos.

Com esta mesma preocupação, selecionei duas crônicas jornalistas para trabalhar com os professores do curso que orienta estas reflexões. Trata-se, portanto, de dois artigos de opinião, escritos por dois conhecidos jornalistas brasileiros, e publicados em dois meios de comunicação de grande alcance no país. Refiro-me a *Como es mala Maria de Fátima*, de Luis Fernando Veríssimo, publicado no jornal *O Globo*, RJ, em fevereiro de 2008¹²; e *Até que enfim serviram para algo*, de Duda Teixeira, publicado na Revista *Veja*¹³, em setembro de 2009¹⁴.

¹² Encontra-se em http://oglobo.globo.com/pais/noblat/post.asp?cod_Post=91314&a=117

¹³ Encontra-se em: <http://www.grupoinconfidencia.com.br/jornais/144/atequeenfim.php>

Ambos se referem a Cuba, embora haja uma significativa diferença no tom utilizado para se fazer críticas ao sistema político que domina a ilha. Veríssimo prefere utilizar um tom de leve humor, irônico, portanto, mas nem por isso menos ferino, fazendo insinuações que em lugar de esclarecer o leitor, o confunde quanto ao ponto de vista que estaria assumindo. Opta por um discurso trivial, falando de telenovelas brasileiras ou referindo-se a temas específicos, que não são de seu conhecimento científico, conforme é o caso da diversidade lingüística e cultural do castelhano/espanhol. Diz ele:

O espanhol da Espanha não é o mesmo falado nas Américas e o espanhol (por exemplo) argentino não é igual ao mexicano. Cada fala espanhola seguiu seu curso a partir da vertente comum, mas aquele espanhol dos exilados cubanos era de uma estranheza extrema, ao menos aos meus ouvidos.

Percebe-se o duplo sentido dado pelo autor, ao dizer que o espanhol dos cubanos exilados (a crônica refere-se a um episódio ocorrido em Miami/Estados Unidos) lhe soa estranho, dificultando compreensão do leitor quanto ao sentido exato que gostaria de dar ao que está expressando: estaria dizendo que não compreende o falar cubano, porque seus usuários têm fortes marcas de sotaque, dificultando sua compreensão? Ou estaria discordando, ideologicamente, das críticas que poderiam estar fazendo os exilados cubanos?

A continuação, o cronista diz: “Era como uma língua que tivesse se deteriorado ao ponto de virar outra, só compreensível pelos seus usuários”. Parece-me claro que ele não está discutindo questões lingüísticas, pois línguas não se deterioram, mas se transformam e se modificam, de forma a permitir sua diversidade. No meu ponto de vista, Veríssimo estaria falando que aqueles usuários do espanhol cubano eram, politicamente, outros, se comparados aos que ainda apoiavam o projeto político de Fidel Castro.

Duda Teixeira, ao contrário, posiciona-se, claramente, diante de seu leitor, embora não perca nenhuma oportunidade de ser grosseiro, conforme se vê, por exemplo, no seguinte fragmento de sua crônica jornalística:

Duas décadas sem papel higiênico ajudaram os cubanos a encontrar uma utilidade, digamos, escatológica para o jornal oficial do Partido Comunista, o *Granma*, e para o recém-lançado *Dicionário de Pensamentos de Fidel Castro*, um livrão de mais de 300 páginas muito apreciado por suas folhas finas e macias

Como leitora não tenho dúvidas de que o cronista está denunciando a censura à imprensa que há em Cuba, com o que estou absolutamente de acordo. Mas não posso apoiar o tom utilizado por ele, pois entendo que está desrespeitando seu leitor, assim como está barateando uma discussão política que é bastante complexa. Neste sentido, portanto, e a partir do meu ponto de vista, a liberdade de imprensa, reivindicada por Duda

¹⁴ Esses textos foram discutidos em artigo a ser publicado como Anais do Seminário de Lingüística Aplicada, realizado em 2008, na Universidade Federal da Bahia, encontrando-se, ainda, no prelo.

Teixeira, perde força, pois seu texto não é claro e nem elegante, como devem ser as crônicas jornalísticas, sobretudo numa imprensa que se diz de elite. Quem estaria errando mais: aquele que impede o acesso à informação de forma livre; ou aquele que não ajuda seus leitores a entender temas que são complexos e contraditórios?

É de se imaginar que esses textos provocaram um fervoroso debate entre os participantes do curso, e que foi melhor orientado a partir da leitura de autores que nos ajudaram a compreender os rumos que a mídia livre brasileira está tomando. Para tal, discutimos a proposta de Denis Moraes (2006), além das ácidas críticas de Eduardo Galeano (2006, p.154), para quem:

Os mestres da informação, na era da informática, chamam de comunicação o monólogo do poder. A universal liberdade de expressão consiste em fazer com que a periferia do mundo obedeça às ordens emitidas pelo centro, sem ter o direito de recusar os valores que este impõe.

Veja-se que a discussão trazida por Galeano nos serve para refletir sobre a complexidade dos temas propostos pelas crônicas jornalísticas, pois há que se pensar na relação de poder que existe nos meios de comunicação. Tanto o jornal *O Globo*, como a revista *Veja* representam o discurso hegemônico na mídia brasileira. No caso específico do artigo de Veríssimo, a publicação se deu de forma localizada (Rio de Janeiro), mas a rede Globo de jornalismo televisivo é de alcance nacional, e não há dúvidas de que não encontra rival na produção de seu discurso. O que se sabe no Brasil a partir da televisão, sabe-se, grosso modo, a partir do que diz a *Globo*. Daí Veríssimo ter concluído sua crônica, dizendo em tom irônico que sua filha Fernanda e o irmão de Fidel Castro, Raul Castro, enquanto conversavam durante um jantar, “não tiveram problema de língua [pois] falavam Globo”.

Apoiando-me no diz, ainda que ironicamente, um de seus mais renomados jornalistas, a *TV Globo* e o jornal *O Globo* representam o “monólogo do poder” no Brasil, conforme denuncia Galeano. Assim, seu jornalismo de grande alcance pode estar infringindo de forma velada “a universal liberdade de expressão”, da mesma forma como faz, abertamente, o sistema cubano de informação. A diferença estaria, portanto, no fato de uma imprensa assumir sua postura autoritária, enquanto a outra dissimula seu autoritarismo, mesmo que isso não seja intencional.

Em *Sociedade Midiatizada*, Denis Moraes (2006, p.34) faz uma série de reflexões sobre a sociedade contemporânea, apontando para o problema da “velocidade fortuita”, responsável, no seu ponto de vista, pela “tirania do fugaz”. O autor se está referindo à tecnologia que se encontra disponível aos usuários, tais como *pendrives* ou MP3, que são capazes de armazenar grandes volumes de informações em fração de minutos. Mas sua durabilidade no mercado tecnológico é fugaz, pois em pouco tempo são substituídos por outros objetos que trarão mais velocidade, e também fugacidade, à sociedade contemporânea. Portanto, e segundo o ponto de vista de Moraes, estamos vivendo sob o

domínio da “última geração”, uma era “esvaziada de verdades transcendentais” e alimentada “de imagens com inacreditável potência persuasiva”.

O autor questiona se o avanço tecnológico está, de fato, contribuindo para o conhecimento da humanidade ou se “as técnicas avançadas são apropriadas pelas elites em função de objetivos determinados” (MORAES, 2006, p. 45). O discurso de Eduardo Galeano (2006, p. 149) vai no mesmo sentido, pois para ele, “nunca a tecnologia das comunicações foi tão aperfeiçoada; e, no entanto, nosso mundo se parece cada vez mais com um reino de mudos”.

Essas reflexões, aliadas aos textos cronistas, podem ajudar professores de PLE e de ELE a pensar em diversas questões: na possibilidade de trabalharmos com textos cujos pontos de vistas sejam diferentes; na capacidade de associar diferentes discursos, no que se refere aos gêneros nos quais foram produzidos; mas, sobretudo, na necessidade de propiciar debates, a partir dos quais possamos compreender o outro e nos compreender como sujeitos de uma sociedade complexa.

No caso particular dos quatro textos que estão sendo confrontados aqui (Veríssimo, Teixeira, Galeano e Moraes), a experiência vivida durante o curso que me está servindo de norte para estas reflexões, possibilitou o entrecruzamento de olhares e de temáticas que se fazem a partir das línguas-culturas portuguesa e espanhola/castelhana. Aquelas discussões nos ajudaram a pensar que nossas diferenças podem ser bem menores do que se imagina à primeira vista. E a questão da nacionalidade pode ser posta abaixo, quando se trata de discussões com o foco na cultura.

Ou seja, o fato de se falar de Cuba ou do Brasil, e do enunciador ser brasileiro ou uruguaio (conforme é o caso de Galeano), não garante diferenças substanciais. O que falo está marcado, certamente, pelo lugar de minha produção discursiva, mas esse lugar é cada vez mais abrangente devido, exatamente, ao avanço da tecnologia comunicacional. Eis aí mais um dos paradoxos que estamos vivendo na contemporaneidade, apontado por Galeano, conforme se viu.

Essa mesma tecnologia comunicacional está liberando a comunicação entre internautas, embora Canclini (2004) alerte para o fato de que “ler o mundo com a chave das conexões não elimina as distâncias geradas pelas diferenças, nem as fraturas e feridas da desigualdade” (*Apud Moraes, 2006, p.44*). É claro que o autor se está referindo às diferenças sociais, às desigualdades entre pobres e ricos, entre afortunados e desafortunados. Não está, portanto, falando de diferenças culturais, ou seja, comportamentais, que existem sim, é óbvio, mas em escala diferente.

Essa constatação me ajuda a pensar, por exemplo, no acesso que jovens/alunos possam ter a textos que vinculem informações de outros países, conforme os da América Latina, que me interessam para essas reflexões. Há um sem fim de fotos e piadas que falam dos argentinos e que são vistas em *sites* visitados por brasileiros. Coletei alguns textos que me/nos levaram a compreender o preconceito que, muitas vezes, se percebe em nosso discurso. Um preconceito velado e, por isso mesmo, mais perigoso.

E como formadora de professores de ELE (assim como os de PLE) me cabe provocar essa discussão nada fácil de ser realizada, já que implica na compreensão de nós mesmos e na possibilidade de assumirmos, como brasileiros, identidades que não são cômodas. Com o propósito de estabelecer essa discussão, apresentei, entre outros, os textos a seguir, priorizando piadas, charges e fotos. Começemos pelas piadas.

(I)

Dois argentinos chegam a São Paulo, sem grana, e ai um diz pro outro: Vamos nos separar para pedir dinheiro e ao final do dia nos reunimos para ver quanto cada um de nós arrumou.

O outro topa e então cada um vai para o seu lado.

Já bem de noitinha se encontram de novo e um pergunta para o outro: Quanto você conseguiu?

- 10 reais.
- E como fez?

Fui ao parque e pintei um cartaz: 'NO TENGO TRABAJO, TENGO 3 HIJOS QUE ATENDER, POR FAVOR, LES SUPLICO! NECESITO AYUDA!'.

- E você, quanto ganhou? Perguntou o que ganhou R\$ 10,00
- Ganhei 8.694,00 reais.
 - Madre mia! Como você fez para conseguir tanto?

Escrevi um cartaz assim: '*FALTA 1 REAL PARA EU VOLTAR PARA A ARGENTINA*'.

(II)

Sabem o que dá no cruzamento de um nordestino com um argentino?
Um porteiro que pensa que é síndico.

(III)

O que é o ego?
O pequeno argentino que vive dentro de cada um de nós.

(IV)

O argentininho fala com o seu pai:
- Papa, quando yo crescer yo quiero ser como usted.
- Y por que, mi hijo?! - pergunta o orgulhoso argentino.
- Para tener un hijo como yo.

(V)

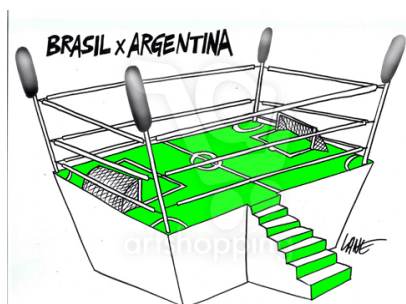
Notícia no principal telejornal argentino.
Brasil e Argentina empataram hoy el juego por la Copa America :
Zero gols para Brasil e ZERO GOLACOS para la Argentina !

Trata-se de cinco exemplos que ilustram o que vinha falando, na medida em que confirmam um discurso preconceituoso contra os argentinos. No primeiro caso, está evidente que os brasileiros não querem os argentinos aqui. No segundo caso, o preconceito é, também, contra os nordestinos brasileiros, e se refere ao ‘enorme ego’ que teriam os argentinos. Este mesmo aspecto se repete nas piadas III e IV. E no quinto exemplo, a discussão se faz em torno ao futebol, área que mais gera textos contra os argentinos.

Tanto o fato da primeira história se passar em São Paulo, como a presença da Interlúngua (*portunhol*) nas piadas IV e V, confirmam que os textos foram escritos por brasileiros, marcando-se, assim, o lugar de enunciação. Logo são discursos de brasileiros sobre argentinos, e que os representam como sendo pessoas indesejadas e arrogantes.

Vejamos alguns exemplos de fotos e charges.

1.



2.



3.

4.



5.



6.



A primeira já anuncia que o tema é tratado como um ringue de lutas, onde de um lado estará o Brasil e, do outro, a Argentina. Se entendermos que a luta livre é um esporte, poderemos compreender a charge como sendo, apenas, o anúncio de um jogo que vai começar. Mas se entendermos que a luta livre é um esporte onde vale tudo, então a charge nos serve para compreender que, quando essas duas equipes jogam, cada uma faz o possível para vencer, mesmo que tenha que dar ‘golpes baixos’.

No segundo caso, há a representação de um argentino branco e um brasileiro negro, ambos vestidos com a camisa de sua seleção. O embate se dá no ataque ao futebol de cada um, mas me chama a atenção a forma como o personagem brasileiro resume seu preconceito: enquanto o futebol brasileiro, no ponto de vista do personagem argentino, tem problemas como as CPI, com a crise no futebol e com personagens irreverentes como o dirigente esportivo citado, o personagem brasileiro sugere que esses problemas são menores diante do fato de ser argentino. Logo, sua crítica ultrapassa o universo do futebol e, neste sentido, me parece mais grave e mais irracional.

O terceiro, quarto e quinto casos são fotografias, mas que receberam intervenções, alterando as características dessa linguagem, própria à representação concreta de uma situação. Percebe-se, portanto, a intenção discursiva do enunciador, procurando denegrir a imagem da Argentina. No primeiro caso, se vale da bandeira daquele país; e no segundo, de uma barreira de jogadores na defesa de sua área. Não se pode negar o bom humor da segunda foto, mas a primeira beira à grosseria, assim como aconteceu no texto de Duda Teixeira, apesar do jornalista ter um compromisso/ética profissional que deveria impedi-lo de ser grosseiro com seu enunciatário.

Por fim, uma charge que desenha um mundo perfeito, um mundo sem argentinos. Esse discurso também se encontra em outros textos, sugerindo-se que a intolerância contra os argentinos está em todo mundo, conforme nesta piada: “Por que é que não há terremotos na Argentina? Porque nem a terra os engole...”. Dessa forma, enunciadores brasileiros aliviam suas responsabilidades e velam seus preconceitos.

Mas é claro que esta não é a única face da moeda. Há outros textos que nos ajudam a ver que, mesmo no universo futebolístico, as proximidades existem. É o caso, por exemplo, das fotos abaixo:

1.



2.



Em ambas, são retratados momentos que, por sorte, estamos começando a ver. Nos casos em destaque, os personagens estão cobertos com bandeiras do Brasil e da Argentina, sendo, no primeiro caso um homem e uma mulher, enquanto, no segundo, dois homens. Ou seja, tanto nas possíveis relações de amizade, como nas de namoro, é possível que essas duas bandeiras possam cobrir corpos de pessoas abertas à diferença e que entendem que o esporte não é uma arena de luta onde vale tudo.

Tenho acompanhado com alegria, a crescente presença de jogadores argentinos em times brasileiros (independente de entender que isso possa ser reflexo da crise econômica pela qual passa aquele país), criando-se a possibilidade de que venham a ser

admirados e respeitados pelo trabalho que desenvolvam no time para o qual trabalhem. Esse processo, a longo prazo, pode ajudar jovens brasileiros a vê-los como co-partícipes de um projeto comum, mesmo que seja para ganhar o time adversário. Meu empenho não vai no sentido de abrandar o entusiasmo dos torcedores brasileiros (ou dos *hinchas* argentinos), mas entender que aprender uma língua estrangeira é colaborar para nosso crescimento como cidadãos. E um cidadão consciente não pode ser preconceituoso ou fingir que não o é.

Concluindo

Para concluir essas reflexões, recupero o que foi anunciado previamente: este texto se produziu a partir da experiência vivida durante um curso ministrado na Argentina, para professores de PLE, cujo principal objetivo era provocar reflexões sobre o necessário diálogo entre o Brasil e os países da América Espanhola, confrontando-se, portanto, o português ao espanhol.

Chamei a atenção para o fato de meu olhar estar na contramão dos participantes do curso, na medida em que penso o ensino/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (ELE) a partir do Brasil, enquanto eles são professores de português como língua estrangeira (PLE) na Argentina. No entanto, esse cruzamento de olhares propiciou uma discussão sobre nossas diferenças, de forma rica e inovadora. Pelo menos, para mim.

Meus objetivos, portanto, eram: entender o que são identidades latino-americanas; observar de que maneira os latino-americanos costumam ser representados em textos que circulam na mídia impressa; associar essa discussão ao ensino/aprendizagem de PLE; e provocar reflexões sobre o diálogo entre Brasil, Argentina e demais países de nosso continente.

Dessa forma, fizemos uma leitura de dois textos poético-musicais (*O samba e o tango* e *Soy loco por ti América*), que inauguraram as discussões, ajudando-me a identificar os conhecimentos prévios dos participantes do curso, além de crenças e até mesmo possíveis preconceitos relativos aos latino-americanos. Essa discussão foi alicerçada com o discurso de Ana Pizarro (2004) sobre o contexto da ‘modernidade tardia’ latino-americana, além da interessante proposta de classificação da América Latina em áreas culturais que nos propõe a autora.

As discussões e as trocas de conhecimento sobre os diferentes contextos latino-americanos, vivenciados em textos de diferentes gêneros e linguagem, exigiram que se justificassem nossas compreensões a partir do que estávamos entendendo por ‘identidade cultural latino-americana’. Neste momento, questionamos se nos *sentimos conectados a este grupo cultural*, reconhecendo como nossa a proposta de García Martínez e outros (2007), que sugerem que somos, culturalmente, o que aceitamos ser. E essa consciência de nosso lugar cultural só pode colaborar para o trabalho de professores de PLE ou ELE.

Com esta preocupação, analisamos duas crônicas jornalísticas (*Como es mala Maria de Fátima* e *Até que enfim serviram para algo*) que nos permitiram discutir representações identitárias dos latino-americanos, objetivando verificar a forma como são vistos a partir desses olhares brasileiros. O discurso dos dois jornalistas (Veríssimo e Teixeira) nos levou a pensar no nosso próprio discurso, provocando uma discussão que foi reforçada por vozes de especialistas na temática, conforme Galeano (2006) e Moraes (2006).

A soma de tantas vozes nos ajudou a rever nosso papel como professores de PLE ou ELE, levando-nos a perceber que é necessário trabalhar com textos de pontos de vistas diferentes; contrapor os diferentes discursos, a partir dos gêneros discursivos nos quais foram produzidos; mas, sobretudo, propiciar o conhecimento de nós mesmos como sujeitos de uma sociedade complexa.

Neste sentido, e por estarmos na Argentina, pareceu-me fundamental apresentar uma discussão que pusesse em cheque nossos olhares sobre quem somos. Mais particularmente, minha intenção era perguntar/perguntar-me se os brasileiros e argentinos se conhecem e se aceitam. Para tal, apresentei-lhes alguns textos que marcavam o desconhecimento e até mesmo o preconceito de brasileiros sobre os argentinos, sugerindo que buscassem, na mídia argentina, exemplos de textos que pudessem revelar essa dura verdade, mas no sentido contrário, ou seja, da Argentina para o Brasil.

Essa discussão se realizou a partir de piadas, fotos e charges, coletadas em *sites* da Internet, que internautas não encontram dificuldade para acessar. Naturalmente que estava pensando em nós mesmos, mas também em nossos alunos, muitas vezes, jovens que ainda não tiveram tempo e oportunidade para posicionar-se diante de discursos que falam, veladamente, de preconceitos.

Os textos das piadas têm marcas que comprovam o lugar da enunciação, permitindo-nos identificar enunciadores brasileiros que veem os argentinos como pessoas indesejadas e arrogantes, além de generalizá-los, simplificando suas identidades. São, portanto, textos que podem permitir interações, que nos levem a compreender quem somos e quem são esses outros, os argentinos, com quem devemos ter relações cordiais, seja porque a cordialidade é um traço da cultura brasileira, seja porque interessa a relação intercultural com aquela nação, pois só assim chegaremos à integração continental.

No caso das charges e fotos analisadas, percebemos que a temática do futebol é bastante responsável por um discursivo que oscila entre o humor e o preconceito. É bem verdade que essa discussão durante o curso não foi cômoda, porque os pontos de vista dos participantes não eram uniformes, gerando um ambiente de debate e levando-nos a buscar argumentos que justificassem nossos pontos de vista. Com isso, ganhamos todos, porque a proposta não é nunca levar um texto que possa convencer ou tirar pessoas das cômodas ou incômodas posições nas quais se encontrem, mas permitir que cada um se veja e se reveja, até que decida assumir novos discursos ou a manter os já incorporados.

Nunca é muito repetir que o professor não ensina se o aluno não aprende. Mas cabe ao professor provocar em seus alunos o desejo do novo conhecimento e, conseqüentemente, da mudança. Afinal, entendo que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve contribuir para o reconhecimento e fortalecimento de nossas identidades; e para a convivência com as diferenças sociais e culturais que nos constituem.

Vivemos em sociedades que se caracterizam como espaços híbridos, de entrecruzamentos de identidades e de culturas, onde é preciso que haja movimentos em prol dos direitos humanos e do rompimento de barreiras que separam homens, línguas e culturas.

Em suma, somos cidadãos e cidadãs que fazem parte de sociedades que precisam conviver com as diferenças, ter curiosidade sobre elas e, sobretudo, amá-las, porque só assim poderemos contribuir para a harmonia entre os homens. E, dessa forma, estaremos cumprindo com o que se espera de professores críticos.

Referências

- GALEANO, Eduardo. A caminho de uma sociedade da incomunicação?. In: MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.149-154.
- GARCÍA MARTÍNEZ, Alfonso, ESCARBAJAL FRUTOS, Andrés y ESCARBARAL DE HARO, Andrés. *La interculturalidad. Desafío para la educación*. Madrid: Dykinson, 2007.
- MORAES, Denis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade Mediatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.33-49.
- PIZARRO, Ana. *El sur y los trópicos*. Ensayos de cultura latinoamericana. Murcia: Compobell, 2004.